

# O olhar foucaultiano sobre o envelhecimento e a gerontologia: notas para uma reflexão

Tatiana Filipa Silva Mestre [1]  
tatiana\_mestre90@hotmail.com

## Resumo

A teoria social de Foucault tem vindo a ser aplicada em várias áreas das ciências sociais, como o Direito, a Psicologia, a História, a Filosofia, a Sociologia entre outras. Contudo apesar do uso desta teoria ainda ser reduzido, nos últimos anos surgiu uma nova corrente teórica intitulada “gerontologia foucaultiana”. A gerontologia emergiu como uma disciplina e práxis que fornece um espaço para a construção e a disseminação do conhecimento sobre os idosos e as instituições. Com o decorrer do tempo reconheceu-se que o envelhecimento não é um processo estático e nesse entendimento, não é possível ser estudado somente por uma disciplina.

Salienta-se, a temática da prestação de cuidados a pessoas idosas que tem vindo a desenvolver-se num entendimento gerontológico, bem como nas perturbações que este gera, emaranhado ao papel percebido do profissional do trabalho social como um alicerce contra a dependência. O que torna fascinante o trabalho metodológico de Foucault é como ele problematiza: os sistemas de conhecimento; os processos sociais como dimensões microfísicas da competição mais ampla entre a modernidade; e a construção de sujeitos através de duas direções em especial *arqueológico* e *genealógico*.

Este artigo organiza-se em duas partes: os traços nucleares da teoria social de Foucault, e o enfoque para uma reflexão e debate sobre “o repensar a gerontologia foucaultiana”. O objetivo é debater e refletir sobre a utilidade da abordagem foucaultiana para a pesquisa gerontológica e sociológica dos idosos institucionalizados, colocando como ponto de partida a inquietação sociológica: Como é que os conceitos da teoria social de Foucault podem ser aplicados na investigação na gerontologia e na abordagem sociológica dos idosos institucionalizados? Para terminar, esclareceu-se a utilidade da abordagem foucaultiana para a pesquisa de gerontológica e sociológica, usufruindo da *arqueologia* e da *genealogia*, destacando a importância e o impacto criativo que estas têm para si.

**Palavras-Chave:** Sociologia, Gerontologia foucaultiana, Arqueologia, Genealogia, Poder

## Abstract

Foucault's social theory has been applied in several areas of the social sciences, such as Law, Psychology, History, Philosophy, Sociology, among others. Although the use of this theory is limited, in recent years a new theoretical trend has emerged entitled "foucaultian gerontology". Gerontology emerged as a discipline and praxis that provides a space for the construction and dissemination of knowledge about the elderly and institutions. Over time, it has been recognized that aging is not a static process and, in this understanding, it is not possible to be studied only by one discipline.

It should be pointed out that the care provided to elderly people that has been developed in a gerontology understanding, as well as in the disorders it generates, is entangled in the perceived role of the social work professional as a foundation against dependency. What makes Foucault's methodological work fascinating is how he problematizes: systems of knowledge; social processes as microphysical dimensions of the broader

competition between modernity; and the construction of subjects through two archaeological and genealogical directions.

This article is organized in two parts: the nuclear traces of Foucault's social theory, and the focus for a reflection and debate on "rethinking Foucauldian gerontology". The objective is to discuss and reflect on the usefulness of the foucaultian approach to the Gerontology and sociology research of the institutionalized elderly, putting as a starting point the sociology restlessness: How can the concepts of Foucault's social theory be applied in research on gerontology and the sociology approach of the institutionalized elderly? Finally, it was clarified the usefulness of the foucaultian approach to gerontology and sociology research, using archaeology and genealogy, highlighting the importance and the creative impact they have for themselves.

**Key-words:** sociology; foucaultian gerontology; archaeological; genealogical; power

## Introdução

Nos últimos anos, assistimos um incremento do interesse dos investigadores sociais na apropriação dos conceitos da teoria social de Michel Foucault. Filósofo, professor, autor de vários títulos, nasceu em França no ano de 1926 e viria a falecer em 1984, no mesmo país, Foucault é amplamente conhecido pelas suas críticas às diversas instituições sociais, como a psiquiatria, medicina, prisões, história da sexualidade, entre outras.

É sobejamente conhecida e aceite, a importância que as perspetivas de Foucault possuem nos estudos da área da sociologia da saúde, da sociologia do corpo e até nos domínios dos estudos da sexualidade e da criminologia, revolucionando as convenções mais desconcertantes da universalidade humana. A obra de Foucault centra-se na "vida" e nos diferentes processos de subjetividade e modos de subjetivação, e tem sido extremamente útil para discutir, por exemplo, a questão do poder nas organizações (Knights, 2002; McKinlay & Starkey, 1998), ou como a noção de discurso é operativo para explicar as diferentes realidades do campo da saúde (Petersen & Bunton, 1997), desde as problemáticas dos estudos dos transtornos de personalidade, aos problemas da saúde mental, passando pela crítica à tese da medicalização.

Não menos verdade, as perspetivas foucaultianas têm servido para subscrever a análise do corpo e do eu, e

clarificar a noção de biopoder e o conceito de governamentalidade na análise das políticas de saúde e de promoção da saúde no mundo ocidental (Petersen & Bunton, 1997). Num outro ângulo analítico sobre a aplicabilidade da teoria social de Foucault nas práticas profissionais, encontramos ainda trabalhos como os de Henderson (1994) e de De Bellis (2006) que explicitam a questão do poder e do saber das práticas de enfermagem, e as de Powell (2012) que ancora a análise nas lógicas da vigilância e controlo que subjazem quer nas políticas sociais, quer nas práticas dos trabalhadores do serviço social.

Sumariamente, podemos dizer que Foucault ofereceu-nos uma nova opção ao "consenso tradicional", ou melhor uma nova "forma de conhecimento acerca do mundo social que é, antes de tudo, *autorreferencial*". Não se depara somente com a "reconstrução de um mundo exterior", mas também ruma em direção à desocultação e desconstrução das convicções que tínhamos precedentemente. A mira estava essencialmente no comum, e não no incomum. Com o seu trabalho, Foucault buscou um afastamento, destapando e intimidando o que até aquele momento era tido como seguro, ao que chamou *aquisição do saber autorreferencial* (Baert & Silva, 2014, p.171-172).

De facto, há várias décadas que os conceitos e as ideias de Foucault tornaram-se cada vez mais omnipresentes numa variedade de áreas disciplinares, influenciando por exemplo a génese de uma orientação ou

perspetiva teórica intitulada “gerontologia foucaultiana” (Powell & Biggs, 2003).

Segundo Powell & Biggs (2003), apenas um pequeno grupo de gerontólogos, nomeadamente os anglo-saxónicos, têm vindo a utilizar as teses de Foucault nos seus estudos e trabalho sobre os idosos para desconstruir os pressupostos tomados como certos. Contudo, o que se sabe sobre os efeitos do olhar foucaultiano na gerontologia? Quais as interrogações foucaultianas que privilegiam os investigadores sociais?

A verdade, no âmbito da literatura disponível, verificamos que a gerontologia emergiu como uma disciplina e práxis que fornece um novo espaço para a construção e a disseminação do conhecimento sobre os idosos e as instituições de acolhimento dos mesmos. Powell & Biggs (2003) e Powell (2004, 2012) confirmam que os autores que privilegiam esta abordagem gerontológica, apropriaram as conceções de *arqueologia* e *genealogia*, destacando a importância e o impacto criativo que estes têm para si. Acrescentam ainda os autores que esta “ampla teoria” procurou compreender como o envelhecimento é socialmente construído nos discursos privilegiados pelas profissões e disciplinas das áreas sociais, e como tais ordens discursivas legitimam as narrativas, fornecidas por esses grupos, no âmbito do controlo e da regulação das experiências e vivências das pessoas idosas institucionalizadas.

Tomando como pano de fundo o exposto acima e, principalmente, as argumentações de Powell & Biggs (2003) e Baert & Silva (2014), pretendo com o presente trabalho abrir um mini espaço de debate e reflexão sobre a utilidade de tal abordagem foucaultiana para a pesquisa gerontológica e sociológica dos idosos institucionalizados, colocando como ponto de partida a seguinte inquietação sociológica: Como é que os conceitos da teoria social de Foucault podem ser aplicados na investigação na gerontologia e na abordagem sociológica dos idosos institucionalizados?

O presente artigo encontra-se organizado em duas partes, apresentando na primeira umas notas breves sobre os traços nucleares da teoria social de Foucault, e na segunda colocamos o enfoque para uma reflexão

e debate sobre “o repensar a gerontologia foucaultiana”.

## 1- Notas sobre a teoria social de Foucault

Tal como nota Ortega (1999) entre outros, a vasta obra de Foucault pode ser sintetizada em três grandes etapas ou momentos: na década de 60 do séc. XX, com os trabalhos sobre a verdade ou saber, culminando com a produção do conceito de *Arqueologia*; na década de 70 do séc. XX, os trabalhos incidiram sobre as questões do poder, desenvolvendo nesse período o conceito de *Genealogia*; e na década de 80 do séc. XX, o autor dedicou os seus trabalhos em torno da Ética, recriando uma certa genealogia da ética, onde se releva um “*sujeito*” mais efetivo do que passivo. Tratam-se de três momentos complementares entre si, que se resumem na discussão dos diferentes modos de subjetivação.

Argumentam Baert & Silva (2014, p.171) que o “*melhor ponto de partida para se entender o pensamento e a obra de Michel Foucault é contrasta-lo com a visão dominante da sociologia e da teoria social*”. Ora bem sendo a obra de Foucault deveras ampla, não é linear sintetiza-la num só artigo. Além do mais, se considerarmos que a teoria social de Foucault tem vindo a ser aplicada em várias áreas das ciências humanas, sociais e jurídicas, como o Direito, a Psicologia, a História, a Filosofia, a Sociologia entre outras, e havendo imensos autores que já delinearão obras de sistematização da produção de Foucault, seria e é necessário um trabalho hercúleo para sistematizar umas notas sobre a riqueza de tal teoria social.

Assim, mesmo correndo o risco de simplificação e de crítica à demasiada colagem a autores como fontes indiretas, as notas que se seguem tomam como referência os trabalhos de síntese de Powell & Biggs (2003), Powell (2004, 2012) e Baert & Silva (2014) para melhor ilustrar a conceção das perspetivas sociais de Foucault aplicadas no estudo das pessoas idosas institucionalizadas e que podem essencialmente ser demarcadas em dois planos: *arqueologia* e *genealogia*. Sumariamente, podemos dizer que os métodos *arqueológicos*

encontram-se arregaçados no conhecimento estruturalista francês, ao participar nas aspirações científicas e objetivistas dos seus colegas estruturalistas. Por outro lado, a *genealogia* tem como base os pressupostos de Nietzsche sobre o pensamento estruturalista (Baert & Silva, 2014).

### 1.1- Para uma ideia da arqueologia

A *arqueologia* foi a denominação utilizada por Foucault ao tipo de análise que se faz na componente prática da história, ou seja, é um método moldado para trabalhar com as questões características da história do pensamento. De acordo com Baert & Silva (2014, p.170) o método arqueológico tem como objetivo “*desvelar as assunções subjacentes dominantes durante um longo período de tempo*”. Os autores acrescentam que é a “*história e arqueologia das regras de organização e de formação que estruturam os enquadramentos intelectuais*”.

Importa salientar que Foucault sempre que faz referência ao nível *arqueológico* de análise, alude às normas formativas que determinam as conjunturas de praticabilidade, nomeadamente as relacionadas com a vigência dum dado “*discurso particular durante um período de tempo relativamente longo*” (Baert & Silva, 2014, p.174).

No caso dos discursos particulares sobre a loucura e da sanidade que foram habituais durante longos períodos de tempo, o trabalho de Foucault permitiu evidenciar que também existem *epistemes*, ou seja, um conjunto de diversos saberes científicos pertencentes somente a uma época, particularmente da ciência e da filosofia. Os discursos e as *epistemes* dizem respeito às normas incluídas e repartidas que atuam “*escondidas*” dos indivíduos e que são uma condição *sine qua non*, ou seja, torna-se indispensável, para a constituição das verdades “*criadas*”. Através destas normas particularizam-se as afirmações que logram em ser construídas e qual a sua estima de verdade e falsidade (Baert & Silva, 2014). A *episteme* é uma junção de relações entre ciências que podem ser “*(des)ocultadas*” num determinado tempo quando são examinadas de acordo com as normalidades e as disposições discursivas,

como pedaços de discursos e da realidade que constituem. Deste modo, a *episteme* funciona como um espaço de acidentalidades históricas de um saber.

Na sua obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (1972) conceptualiza a construção do saber, encaixando-o no conhecimento científico ou empírico, procurando assim instituir as circunstâncias da existência. Neste ponto, não se pretendia testar a veracidade, já que “*As positivities não concretizam formas de conhecimento – quer sejam condições a priori e necessárias ou formas de racionalidade que puderam, por sua vez, ser empregadas pela história*” (Foucault, 1972, p. 219). A verdade é vista como uma construção histórica, onde a análise leva-nos às regras de aparição, organização e transformação do saber.

Ganha aqui sentido de que “*O discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho*” (Foucault, 1972, p.158).

A técnica da *arqueologia* resulta na reorganização do campo histórico, que abrange dimensões distintas como a filosofia, a economia e a política; com o objetivo de alcançar conjunturas de ocorrências de um período específico. A *arqueologia* é a análise da união dos desempenhos verbais, no horizonte dos enunciados e na forma de positivities de um discurso. Foucault invocava *arquivo* às “*práticas discursivas, sistemas que instauraram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e de coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas por outro).*” (Foucault, 1972, p.160).

O objetivo de Foucault era através de um discurso teórico e do saber do senso comum, vindo da experiência do indivíduo comum, dar forma à problemática de um conjunto de práticas, que fazem com que entre no jogo do verdadeiro e do falso.

Na sua obra *Arqueologia do Saber*, Foucault (1972, p.12) refere: “*Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as ruturas e buscar todos os arrepios da continuidade, enquanto que a história propriamente dita, a história tout court, parece apagar, em benefício das estruturas sem labilidade, a irrupção dos acontecimentos*”. Perante tais argumentos, Baert & Silva (2014)

salientam que Foucault debate a “nova história” com os modelos de história antecedentes, nos quais o trabalho do historiador era extinguir a descontinuidade, alterando esta história para uma história da continuidade. De acordo com o novo modelo de história de Foucault, a descontinuidade, torna-se assim, fundamental para a prática social.

De salientar que Foucault legitima dois pontos fundamentais da utilidade da descontinuidade (Baert & Silva, 2014):

1. Historiador emprega a descontinuidade como sendo um instrumento que traz a realidade para perto, utilizando-a para dividir influências e épocas;
2. Historiador adota a descontinuidade como parte integrante da realidade.

É ainda de relevar que a perspectiva foucaultiana fundamenta-se quer nas conceções estruturalistas, quer na noção de descontinuidade, quer ainda no método *arqueológico* para explicitar dois fenómenos:

- a) A busca de estruturas subjacentes, ignoradas pelos sujeitos e que são seguras durante muito tempo.
- b) A pesquisa das modificações radicais da história que desvinculam tempos de permanência – “as ruturas que produzem o fim de uma época e o surgimento de uma nova *longue durée*” (Baert & Silva, 2014, p.175). Ou seja, é através desta noção de descontinuidade que se finaliza uma temporada e o nascer de uma nova época duradoura.

Na perspectiva que Foucault tem da história, incute a evidência que as extensas épocas de subsistência são contidas por um contexto ou um conjunto de práticas específicas. Estes tempos são discriminados por pequenas interrupções nos quais se realizam e transformam da antiga para a nova estrutura.

De notar que Foucault faz dois “compassos” na sua perspectiva de história:

- a) “O ritmo mais lento da *longue durée* (que reflete a influencia da história estruturalista)”;
- b) “O ritmo acelerado da *rupture* (que revela bastante a influência da história francesa da ciência)” (Baert & Silva, 2014, p.176)

É de facto notório como Foucault através do seu trabalho com a história emprega diligências para demonstrar as perturbadoras descontinuidades.

No seu trabalho em *arqueologia*, Foucault propõe um conceito *autorreferencial* de conhecimento, onde se apoia no “estranho para explicar o familiar”. As diferentes épocas descritas por Foucault, não são somente distintas, como também são distintas do contemporâneo, ou seja, depara-se com a consciência que, “*o presente nem sempre foi*”. Desta forma, através da interpretação das épocas distintas, consciencializa-nos para a evidência que certos conceitos ou práticas que usufruímos atualmente, não são tão globalizados ou firmes como ostentamos ser (Baert & Silva, 2014, p.176).

Na sua obra *História da Loucura*, Foucault (1997) dá-nos o exemplo prático da sua teoria ao mostrar-nos como as significações antiquadas de loucura e os modos de tratamento dos doentes mentais são insólitas comparativamente às perceções e praticas atuais. Vejamos uma síntese do capítulo IV desta obra. Neste capítulo da *História da Loucura* começa com a afirmação de que o pensamento e a prática da medicina, entre os séculos XVII e XVIII, não tiveram a unidade e a coerência que hoje lhes reconhecemos. De certo modo o universo terapêutico era fechado e impermeável, sendo isto evidente, na contínua e antiga busca de uma panaceia (era a época em que o ópio estava na “moda”) que apaziguaria todos os males do corpo. Ainda assim, neste espaço de “generalidade dita abstracta” existia lugar para as chamadas “eficácias particulares”, ou seja, uma espécie de sistema de correspondência entre os microcosmos da doença e os macrocosmos da natureza. Houve, no entanto, nesta época, um sector de resistência: o domínio da loucura,

que desde há muito tempo se imaginava como estando em comunicação direta com elementos cósmicos. Para tratar este "*fenómeno da alma e do corpo, estigma propriamente humano, nos limites do pecado*" (Foucault, 1997) que é a loucura, eram maioritariamente utilizados remédios do reino humano ou animal. Assim, contra as principais concepções médicas da época, e devido a ancestrais temas morais ou imaginários, tínhamos então, por um lado, a natureza com as propriedades das pedras preciosas, das gemas e dos minerais, e por outro os homens, que encerravam no seu corpo substâncias secretas que podiam curar a loucura. Em relação com o que acima foi dito, Foucault (1997) fala-nos também de uma outra área da eficácia terapêutica: os valores simbólicos. Estes valores que obstinadamente sobreviviam nos métodos de cura, e que giravam em torno de imagens, de ritos e de antigos imperativos morais, formavam nódulos de resistências difíceis de combater durante a Época Clássica. No entanto foi este período, onde os mitos persistiam, que dava a plenitude de sentido à noção de cura. Esta velha ideia deixava agora de representar a supressão de toda e qualquer doença (panaceia), para designar a "cura de toda a doença", ou seja, o conjunto de tudo aquilo que numa doença é determinante e determinado. Esta noção está intimamente ligada com a génese da possibilidade de uma psiquiatria de observação, de um internamento de ordem hospitalar e de um diálogo entre o médico e o louco (Silva & Moreno, 2000).

Como esta pequena ilustração, podemos compreender que, posteriormente, através de uma contiguidade com o passado, o presente torna-se observável. O que quer dizer que as estruturas são tomadas como certas, o que faz com que a visão das pessoas não as alcancem.

Na *arqueologia*, Foucault com a sua metodologia tenta valer-se do "conhecimento acerca (e a dissemelhança com) o não-familiar (o passado distante) por forma a obter acesso a um "familiar estranho" (o presente tido por certo)" (Baert & Silva, 2014, p.177). Neste ponto, o passado torna-se num "objeto de investigação", ou seja, é um meio para chegar ao presente.

Note-se que na ocasião em que as pessoas ganham conhecimento das conjunturas que se valem até ao momento, conquistam a perceção do quanto distintas eram anteriormente. Descobre-se assim o potencial turbulento e libertador da história com a *arqueologia* de Foucault (Baert & Silva, 2014; Eizirik, 2006). A arqueologia ambiciona controlar as normalidades interiores dos saberes, instituir harmonias/desarmonias e particularizar formações discursivas.

## 1.2- Genealogia, poder e governamentalidade

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche foi o grande influenciador de Foucault no desenvolvimento conceitual da ideia de *genealogia*. Ambos sugerem uma orientação *antiessencialista*, o que quer dizer "*o significado dos objetos ou das práticas varia segundo o contexto em que estes emergem*" (Baert & Silva, 2014, p.178).

Foucault designou *genealogia* ao estudo com a dissemelhança e a debanda. A *genealogia* foi criada como um instrumento metodológico para analisar sucessões de subdivisões, de acasos, de equívocos, de ruturas, que não caminha para a perfeição, mas para restabelecer os acontecimentos à sua singularidade.

Aqui também Nietzsche e Foucault seguem a utilização da noção de *poder*, onde este representa um significado duplo na teoria. Nesse momento, ambos dão conta que os conflitos pelo *poder* atingem a urgência de que lhe seja dado um significado moderno.

Na perspetiva de Foucault o *poder* está intimamente ligado com o conhecimento. O conhecimento que não é imparcial para com o *poder*, nem é apenas *auto-emancipatório*. Foucault (1987) na sua obra *Vigiar e Punir* mostra que a forma como as ciências sociais procedentes e a psiquiatria, apesar de estarem mascaradas de forças emancipadoras, sucederam-se fundamentalmente no progresso de novas e mais infalíveis, configurações de controlo social.

Foucault e Nietzsche contrapõem-se também à meta-narrativa que inclua passado, presente e futuro. Na sua obra *Vigiar e Punir* de Foucault (1987) há seguramente

uma linha narrativa, porém não se trata de ordem teórica que percorra um determinado tempo (Baert & Silva, 2014).

Baert & Silva (2014, p.178) assinalaram as características da noção foucauldiana da *genealogia*, na sua visão ao voltar no tempo e demonstrar que em determinada época foram dados novos significados aos conceitos. A atribuição de novos significados aos conceitos teve origem nas lutas de *poder* ou da contingência. Significados novos, esses que foram depois levados às gerações imediatas, o que levou a que fossem introduzidas na cultura. Os novos significados foram progressivamente respeitados pelas pessoas como: “*autoevidentes, necessários, inócuos (se não honrados) e consistentes*”. A *genealogia foucauldiana*, por sua vez buscou apresentar os significados não são “*óbvios, nem necessários, nem inofensivos, honráveis ou coerentes*” (Baert & Silva, 2014).

Sistematizando, Foucault apresenta a sua justificação em quatro pontos:

1. A essência autoevidente dos significados atuais é forjada pelo testemunho do passado através significados completamente diferentes.
2. Discorda de uma visão mecânico-casual ou teleológica, através do alerta que o *genealogista* presta a todo o tipo de erros, enganos e equívocos, que iniciaram os objetos, que tiveram continuidade e ainda têm significado para todos nós. Através deste efeito, o *genealogista* quebra com um presente que possua uma posição que arrogue o desenvolvimento imprescindível de leis ou motores de uma história débil e instável.
3. Os significados presentes apontam ser menos inocentes, uma vez que justificam estar relacionados com lutas pelo *poder*. A *genealogia* inicia com sistemas de crenças ou éticos que à primeira vista parecem inofensivos ou mais robustos, que precisam ser apreciados, uma vez que estamos a falar de verdade e da moralidade.
4. A privação de congruência é colocada em causa com o estratagema da questão de ma-

neira que os novos significados são concomitantes com os velhos significados. Neste ponto, verifica-se que seria uma lacuna arrogar que os significados velhos são totalmente extintos por aparecerem novos (Baert & Silva, 2014).

Não há dúvidas de que na perspectiva da *genealogia* de Foucault, o foco é *poder*; assim como as lutas pelo *poder* que levam e justificam a necessidade de se criar novos significados. Foucault não afirma ambicionar uma teoria do *poder*, mas sim uma *analítica do poder*. A analítica do *poder* alude à explicação do domínio preenchido pelas relações de *poder*, e ao reconhecimento dos instrumentos indispensáveis à análise do concedente domínio. De acordo com, Baert & Silva (2014, p.179) “*apesar dessa atitude instrumental, a discussão que Foucault produz sobre o poder reveste-se de um carácter indispensavelmente teórico e geral*”.

Foucault julga existirem duas teorias relativas ao *poder*, das quais discorda: a teoria *jurídica-liberal* e a teoria marxista. Assevera que as duas teorias limitam o *poder* a uma dimensão económica. Na teoria de Karl Marx o *poder* aparece como um produto, orientada para a subsistência e multiplicação das relações económicas (Baert & Silva, 2014). De facto, é de considerar o seguinte:

1. A conceção de *poder* em Foucault é o oposto, expressamente não económica.
2. Foucault declara que os teóricos marxistas baseiam muitas vezes no que ele chama de análise do tipo “descendente”, ou seja, o *poder* é conhecido como algo que vem de cima e é colocado às pessoas. Foucault com as normas metodológicas propõe uma análise “ascendente” do *poder*. Nesta perspectiva teórica, o entendimento das pessoas locais coopera para os engenhos a nível macro.
3. Foucault assevera que certas *macro-análises* são tendenciais quando revelam o *poder* como uma propriedade de um determinado grupo ou do Estado, que coage os seus subditos. A

*micro-física foucauldiana* do *poder* ergue-se contrariamente, ou seja, como estratégia, vindo das relações entre as pessoas. O *poder* é levado pelos súbditos, recusando-se a ser-lhes imposto. Assim, esclarece-se que o *poder* na visão de Foucault, não é atributo, nem é propriedade de ninguém, não tendo sequer uma localização específica. É sim difundido e não focalizado, não existindo um local de controlo exato.

4. A recusa Foucault sobre a posse concreta arrola com o facto de não aceitar que o *poder* seja deliberado. Na sua perspectiva, o cargo do *poder* é fazer com que circule por entre as pessoas de modo organizado. Assim, a pessoa ganha um novo papel, em vez de ser o objeto onde é aplicado o *poder*, obtém o papel de o transmitir, nessa circulação.
5. Foucault reprime a visão “negativa” do *poder*. Na perspectiva negativa, o *poder* é apenas um impedimento à agência, ou seja, à capacidade dos indivíduos agirem independentemente, de fazerem as suas opções, neste sentido a visão negativa de *poder* é um impedimento aos atores de agirem livremente. Com a sua recusa em vê-lo como algo negativo, Foucault prefere a visão de integrante das coisas que em várias ocasiões, são os meios da sua reprodução. Baert & Silva (2014) ao reverem algum trabalho estruturalista relevam que sobra pouco espaço para a agência. Foucault refuta e assegura, que nas relações de *poder* existe sempre a hipótese de resistir, por esta ser intimamente abalável e submetidas a mudanças.

De notar que neste último ponto, a *genealogia* tem a possibilidade de colaborar na destruição desta habilidade de dominado e dominador. A análise do poder de Foucault pode ser entendida por três perspectivas: *poder disciplinar*, *biopolítica* e *governamentalidade*.

Para responder aos comentários de que a sua análise de *poder* se centrava nas práticas e técnicas particulares

de *poder*, Foucault surge com a noção de *governamentalidade*, ao demonstrar a continuidade metodológica entre a *microfísica do poder* tal como a que ele aplicou no estudo das técnicas *disciplinares* que se encontram na “raiz do sistema penal moderno”. A *macrofísica do poder* cujo “objeto são as técnicas e práticas empregues no controle das populações ao nível do Estado-nação” (Baert & Silva, 2014, p.180).

Foucault usou a noção de *governamentalidade*, ou a racionalidade governativa para expor a forma como o *poder* foi ou tem sido aplicado nas sociedades ocidentais já no princípio da época moderna.

Concretamente, o claro objetivo de Foucault era modificar o *poder* estatal e vê-lo como uma “problemática”, ao coloca-lo em causa quando o questiona em relação à sua característica “autoevidente”, ou de acordo com a configuração como refletimos política. O objetivo de Foucault era investigar a tese de “como é que governamos?” e “como é que somos governados?”. Isto é, examinar os contextos em que concretos governos políticos se erguem, são conservados e se alteram (Baert & Silva, 2014, p.180).

Na visão “analítica da governação”, o *poder* praticado pelo Estado-nação moderno, está distante de ser um efeito nato do processo histórico, mas antes deve ser apreciado como a consequência de “*um triângulo, soberania-disciplina-governo que tem como alvo prioritário a população como mecanismo essencial os aparelhos de segurança*” (Baert & Silva, 2014, p.180).

A sugestão de Foucault é gerar uma relação entre três configurações de *poder* – *soberania*, *disciplina* e *governo*, onde o objeto é a sociedade. Aqui o autor criou o termo *biopolítica*. O que nos leva a descrever o que é a *governação*, a *soberania* e a *disciplina*.

A *governação* é concessionada como uma “prática, uma ‘arte’ na medida em que envolve um conjunto de técnicas e de procedimentos” (Baert & Silva, 2014, p. 181). A reorganização, de que se fala, porém, não adota a configuração de uma sucessão de estádios de evolução contínuas como se verifica no evolucionismo. A noção de *macrofísica do poder* sugerida por Foucault reergue o caminho histórico da evolução através da racionalidade *governamentaliva* concretamente ocidental.

Por sua vez, a *soberania* nega ser um assunto inocua-mente jurídico e político para transpor para um tema político-económico. O que quer dizer, que a soberania de um determinado país não se pontualiza somente pela conservação do território; atualmente envolve também o aprovisionamento de alicerces legais para atividades *biopolíticas*, como é o caso do bem-estar dos habitantes dum país e o aperfeiçoamento das condições de vida (Baert & Silva, 2014).

Por fim, a *disciplina* através da promoção da *biopolítica* cresce a carência de fortalecer tecnologias e práticas disciplinares. Uma política que se dirija à gestão da existência de populações necessita de uma administração cava e minuciosa (Baert & Silva, 2014).

O governo alcança um novo significado, quando se fala de governar a sociedade de um país. A dinâmica a nível económico e dos habitantes ganha um domínio económico com duplo sentido. Por um lado, a nível fiscal, carece de ser financeiramente exequível, e por outro lado, a nível da ordenação interna, requer o cumprimento de uma coesão económica.

Assim sendo, “A *biopolítica* é (...) “a arte de governação” (...) a “*ciência política*” (Baert & Silva, 2014, p.182). O principal objeto da *biopolítica* é a população, uma vez que se trata de um governo de condutas políticas arroladas com temas como “vida ou de morte, com a saúde e a doença”. Para que se consiga alcançar o objetivo, o Estado usufrui da *economia política*, uma ciência nova que o seu desígnio é conceder auxílio à intervenção do governo na área económica. Foucault liberta-se da análise economicista do *poder*, isto é, o *poder* tem como objetivo primário “*manter relações de produção, para que uma determinada classe social domine e aproprie-se das forças produtivas das demais*”.

Todavia, nas perspetivas de Knights (2002), McKinlay & Starkey (1998) e Souza, Machado & Bianco (2004) é imprescindível empregar o método *genealógico* na análise de *poder* de Foucault, para a realização de estudos organizacionais, quer para explicitar as noções de *poder disciplinar* e a *biopolítica* no campo organizacional. Como exemplo concreto é possível indicar a intervenção do *poder biopolítico* nas questões relacionadas com o trabalho, enquanto as escolas e instituição são

locais, que podem ser “*observado, monitorizado e controlado o comportamento dos indivíduos*” (Baert & Silva, 2014, p.182).

Na sua obra *Vigiar e Punir* (1987) Foucault faz a descrição das punições em plena praça pública e da forma como estas punições eram transformadas em espetáculos públicos. A pessoa que era punida sem nada a temer ganhava um *poder* incrível sobre o regime, ao manifestar o seu descontentamento sobre este. Neste momento o punido, por vezes contava ainda com o apoio da população que assistia ao espetáculo. Circunscritos aos problemas deste tipo de punições, os políticos e os intelectuais foram forçados a repensar novas formas de punição completamente diferentes, mais infalíveis na prática do controlo social, através da sociedade disciplinar.

A disseminação do *poder disciplinar* teve como objetivo uma instrução e controlo do corpo (Foucault, 1987; Baert & Silva, 2014). O *poder disciplinar* são os métodos que possibilitam a fiscalização rigorosa das intervenções do corpo e do indivíduo, onde simultaneamente se submete persistentemente às suas próprias forças e lhe é decretada uma relação de docilidade-utilidade. O *poder disciplinar* é um formato de *poder*, contrário à negação, à proibição, à punição. Este *poder* pretende instruir e criar um sujeito eficiente, dócil e útil. Deste modo, o *poder* não tem um primórdio, não pode ser contido, somente pode ser praticado. Edifica-se como um *microfísico*, que tem como particularidade distintiva ser positivo. Em síntese, o *poder disciplinar* funciona sobre os atores no interior de um espaço fechado, atravessado por procedimentos de vigilância, a *biopolítica* age sobre um conjunto de processos populacionais, exercendo efeitos de conjunto e regulação. Por outras palavras, as disciplinas atuam sobre o individual, e a *biopolítica* sobre o coletivo (McKinlay & Starkey, 1998).

De relevar que, no século XVIII, os filósofos manifestaram a sua inimizade para o até então sistema penal, devido às questões humanitárias que haviam colocado. O resultado da alteração do sistema não recapitava a pessoa punida, o efeito existiu em executar configurações mais capazes de tornar controlo social maior. Foucault (1987, p.69) declarava na sua obra

que “É preciso punir de outro modo: eliminar essa confrontação física entre soberano e condenado; esse conflito frontal entre a vingança do príncipe e a cólera contida do povo, por intermédio do suplício e do carrasco”. Apercebe-se, assim, que “Uma das características da sociedade disciplinar emergente era a ênfase no encarceramento, a “observação hierárquica” a “examinação” e a “normalização” (Baert & Silva, 2014, p.183).

O *panóptico* é a sugestão dada por Foucault para a observação hierárquica, esta proposta envolve uma disposição própria do espaço, de modo a que a pessoa punida, viva na incerteza de que possa estar a ser observada, estando certa que há essa hipótese (Foucault, 1987; Baert & Silva, 2014). O objetivo de Foucault é a *autocorreção*, uma vez que com a possibilidade de estarem a ser observados leva a corrigirem-se a si mesmos.

Não é de admirar que Foucault (1987, p.177-178) proclamou o seguinte: “Dai o efeito mais importante do *panóptico*: induzir no detetado um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontinua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que os prisioneiros sejam observados sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente”.

Explicita-se, assim, que além da observação hierárquica, o *poder disciplinar* reforça a *normalização* que Foucault conceptualizou. Isto é, os comportamentos são punidos, de acordo com o cumprimento ou incumprimento das normas, sendo assim calculada a pena (Baert & Silva, 2014).

A convenção da observação hierárquica com a *normalização* resulta na conceção da *examinação*. Com uma boa execução da *examinação* veio o progresso de procedimentos documentais e classificativos, a chamada procedente *ciência do homem*. Deste modo, as ciências sociais, apesar de se afigurarem direcionadas para a

autoemancipação, cumpriram um papel fundamental no caminho que primórdio as sociedades *disciplinares*. Porém, apesar desta sociedade da *vigilância* se ver relacionada com o *controle social*, o novo sistema só veio a figurar-se progressivamente no final do século XX, o regime *disciplinar* atravessava bastantes domínios sociais (Baert & Silva, 2014).

Foucault (1987, p. 257-258) na sua obra *Vigiar e Punir*, faz ainda a descrição de Mettray “porque é a forma disciplinar no estado mais intenso, o modelo em que concentra todas as tecnologias coercivas do comportamento”. Acrescenta ainda o autor que “Essa supervisão de modelos diferentes permite determinar a função de ‘adestramento’ no que ela tem de específico. Os chefes e subchefes em Mettray não devem ser exatamente juizes, nem professores, nem contramestres, nem suboficiais, nem «pais», mas um pouco de tudo isso e num modo de intervenção que é específico. São de certo modo técnicos do comportamento: engenheiros da conduta, ortopedistas da individualidade. Têm que fabricar corpos ao mesmo tempo doces e capazes: controlam as nove ou dez horas de trabalho cotidiano (artesanal ou agrícola); dirigem as paradas, os exercícios físicos, a escola de pelotão, as alvoradas, o recolher, as marchas com caneta e apito; mandam fazer ginástica; verificam a limpeza, presidem os banhos. Adestramento que é acompanhado por uma observação permanente; continuamente se avalia o comportamento cotidiano dos colonos; é um saber organizado como instrumento de apreciação perpétua”.

De acordo com Baert & Silva (2014) a *genealogia* desconsidera o presente através de diferentes configurações, entre as quais as seguintes:

1. Assim como a *arqueologia*, a *genealogia* também incita a uma corrosão no presente através de um assíndeto para com o passado. Com o retorno ao presente aproxima-se o desfecho de que este não é universal.
2. A *genealogia* destrona a importância dos significados do presente, apresentando que estes significados foram formados por acasos que assistiram ao seu surgimento.
3. A *genealogia* leva consigo uma escassez de ingenuidade, visto que o que até agora tem sido construído como inofensivo, finda a ser descrito pela marca das lutas pelo *poder*.

4. Com a *genealogia* é visível a desconsideração das fundamentações do presente. Até agora verificou-se que as teorias de crenças ou práticas do presente são autenticadas em nome de um desenvolvimento contínuo originado no passado. Através da *genealogia* pretende-se demonstrar que este desenvolvimento é um lapso. O que o passado trás, são práxis e conceções distintas que se tornam impossíveis de ser delineados numa narrativa continua. Qualquer sistema concebe a sua coesão e fundamentação interna, onde é irrealizável patentear um modelo autónomo, como exemplo, obtemos nos díspares regimes de *poder*. O sistema penal atual infere-se à melhoria das técnicas disciplinares o que mostra que não se trata de um simples progresso humanitário, quando comparado com o regime anterior.
5. A *genealogia* desacredita aquela que à primeira vista parece ser a lógica dos sistemas normativos ou de crenças. Uma vez que os significados precedentes jamais poderão ser extintos (Baert & Silva, 2014).

Em síntese, o trabalho de Foucault veio alterar a nossa conceção do mundo, a visão sobre loucura, exclusão, poder e os modos de subjetivação, ao realizar a problematizar o *saber e poder*, assim como as práticas sociais que as envolvem e que engendram os modos de produção de corpos dóceis.

## 2. Repensar o envelhecimento nas malhas da gerontologia foucaultiana

É sobejamente conhecido que Foucault desenvolveu o seu trabalho analisando as problemáticas do campo da psiquiatria, medicina, punição e criminologia, porém nunca analisou a questão do envelhecimento. Contudo, Katz (1996, citado em Powell, 2004) reconheceu que o envelhecimento não é um processo estático e nesse entendimento, não é possível ser estudado somente por uma disciplina. Ao utilizar os instrumentos conceituais proporcionados por Foucault, podemos mergulhar no passado para “escavar” o império da biomedicina e os conhecimentos sociológicos para a compreensão atual do corpo envelhecido. Usufruindo do trabalho de Foucault, Katz explica que as lutas das disciplinas deterioram e chocam com o fulcro do *poder* e do *conhecimento*. Fundamentalmente, este foco de Foucault valoriza quaisquer dos seguintes aspetos:

- Discursos formais e informais;
- A linguagem;
- A lógica;
- As formas de dominação e classificação;
- As técnicas de medição e empirismo, como elementos essenciais na tecnologia da disciplina e no processo de normalização (Katz, 1996, citado em Powell, 2004).

Os profissionais da área da gerontologia, geriatria, ou concretamente os Educadores Sociais, Animadores Socioculturais, Assistentes Sociais, Sociólogos, Enfermeiros entre outros, são a chave na intervenção das relações sociais e da gestão da ordem social nas instituições sociais. Por um lado, podem alcançar um *poder* intimidante de “categorizar” com consequências e, por outro lado, podem contribuir para regenerar o *conhecimento* sobre o envelhecimento e questionar paralelamente as relações de *poder*.

Katz (1996, citado em Powell, 2004) argumenta que os lutas que integram as *disciplinas* do envelhecimento seguem a tradição, ao partirem de uma visão histórica

e contemporânea através do conhecimento do presente. Katz reergue esse saber, ao nível interpessoal do profissional e humanista.

Porém, independentemente dos grupos de profissionais, o *conhecimento* e a validade estão fixados nos contextos determinantes da estrutura e da sua manifestação nas ideologias profissionais de *controlo*, *regulação* e *poder* e *conhecimento*.

Powell (2004, 2012) no seu trabalho procurou compreender criticamente o impacto das redes *disciplinares* de vigilância, do *poder* profissional, da *normalização*, e destas forças triangulares, nas pessoas idosas, apoiando-se nos conhecimentos de Foucault.

De facto, para o autor que seguimos, Foucault teve uma importância nuclear para a análise do envelhecimento em dois aspetos:

1. Primeiro, devido ao seu trabalho de análise de (punição e disciplina) e (medicina e loucura) e agora detêm grande relevância para a prática das pessoas idosas. Foucault descreve-os como indivíduos do conhecimento e como os estereótipos por estes criados, no caso concreto sobre as pessoas idosas, são produzidos através das técnicas *disciplinares*. Como é exemplo da noção da observação dos especialistas.
2. Segundo, Foucault possibilita analisar os discursos oficiais integrados nas políticas sociais, assim como os que atuam e se executam na sociedade, neste caso falamos dos profissionais e das pessoas idosas.

É indubitável que ao longo do seu trabalho Foucault problematizou várias questões que são denominadas por problemas socialmente construídos. Nestes objetos sociais específicos, Foucault problematizou o papel do especialista, das instituições sociais, das práticas sociais e da subjetividade que aparentam ser auto emancipadoras. Porém são construções sócio históricas limitativas e produtos de *poder* e *dominação*. De notar que ao longo deste trabalho referimos as palavras

de empoderamento e de autoemancipação, como sinónimos da noção de “estado de libertação do poder de dominação”.

A pertinência para a temática do envelhecimento é a certificação de que as práticas sociais limitam um autêntico padrão que na sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) concebe de *normalização*. As práticas sociais são julgadas por profissionais “especialistas”, numa era da economia mista do bem-estar. Esses especialistas que são apelidados por “atores com responsabilidades institucionais” que problematizam as pessoas idosas através do método de *avaliação* dos serviços (Powell, 2004, 2012).

Parafraseando Powell (2004, 2012) os profissionais “especialistas” são essenciais para a análise *panóptica* de Foucault. O que estes atores sociais fazem é investigar e *normalizar* o julgamento das pessoas idosas através dos discursos diferenciais como utilizadores de serviços, consumidores ou utentes.

Na sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) afirma que o *poder da normalização* envolve as dimensões dos discursos físicos e biológicos e como estes estão introduzidos no corpo humano. A pessoa idosa está circunscrita a um campo político impregnado de relações de *poder* que a transformam em dócil e produtiva e, portanto, útil política e economicamente. Assim, o “ator com responsabilidades institucionais” de cuidado abarca o compromisso de garantir que as carências das pessoas idosas sejam habitualmente revistas e os meios sejam realmente geridos.

Substancialmente, o uso da teoria foucaultiana na gerontologia é uma nova abordagem para interpretar e problematizar os sistemas de conhecimento. Esta abordagem dá-nos acesso a novas questões, outros objetos de investigação, diferentes dimensões epistemológicas e ontológicas para a análise gerontológica, apesar de conservar a inquietação para com a dinâmica do *poder* e do *conhecimento*, integrada e (re)produzida pela política social. A abordagem foucaultiana distancia-se da análise do Estado, afasta-se da lógica da economia ou dos padrões de desigualdade física. Logo, o *poder* continua sendo uma conceção crucial,

para a compreensão foucaultiana dos processos sociais e das práticas institucionais, mas através de formas novas e variadas (Powell & Biggs, 2003).

Powell (2004, 2012) salienta que a prestação de cuidados a pessoas idosas tem sido alvo de debates académicos dentro na área da Gerontologia. A discussão da temática do cuidar, tem vindo a desenvolver-se num entendimento gerontológico, bem como nas perturbações que este gera, emaranhado no papel percebido do profissional do trabalho social, como um alicerce contra a dependência. Este fenómeno social surge, de acordo com Powell (2004, 2012) parcialmente devido à economia mista do bem-estar que integra variados objetivos políticos tais como o controlo de recursos financeiros, o aperfeiçoamento dos serviços, a promoção da escolha, a alteração do papel dos domínios locais, a diminuição do aprovisionamento do setor público, e as relações sociais entre profissionais e pessoas idosas.

O campo de interrogações tem sido traçado com base em categorias e pressupostos que estão na gerontologia, compreendidas no campo *disciplinar* dos conhecimentos e das práticas, que se concentram na política social e do envelhecimento.

Ao erguer a questão do *conhecimento* como uma categoria socialmente constituída, através da qual o *poder* se manifesta e desdobra, uma abordagem foucaultiana pode destabilizar a conceção de *sujeito humano universal*, que precisa ser conhecida. O que significa que não é o simples estatuto ontológico da pessoa que se torna desobstruído a uma investigação (des)construtiva, mas também pelos discursos epistemológicos pelos quais a pessoa é categorizada e classificada (Powell & Biggs, 2003).

De salientar que existe uma segurança nas apreciações do “cuidado” realizadas pelos atores com responsabilidades institucionais do cuidado. As lógicas e as tecnologias da gestão do “cuidado” tornam-se um espaço estratégico para a vigilância de pessoas idosas (Powell, 2004, 2012). Alega-se que esta estratégia não se trata do empoderamento e desenvolvimento humano, mas de uma habilidade de regulação individual e de controlo coletivo.

Assim sendo, subsistem duas dimensões que são especialmente relevantes neste trabalho:

- Primeiramente alcança-se a prática de uma perspetiva de Foucault, para encontrar as continuidades e descontinuidades na relação entre o *poder* profissional e a pessoa idosa.
- Secundariamente, obtém-se a questão do *poder* em si e sua importância para o erguer e solidificar um discurso articulado por atores com responsabilidades institucionais, profissionais que avaliam, investigam e auditam as pessoas idosas (Powell, 2004).

A questão que se coloca é porque usar Foucault para investigar os aspetos sociais do envelhecimento?

A teoria foucaultiana é proposta por Powell (2004, 2012) como uma teoria gerontológica, porque ela permite focalizar os discursos formais e informais. Foucault dá-nos um conjunto de estratégias para compreender como os discursos sobre o cuidar se constroem. Estes discursos são as experiências das pessoas idosas na economia mista do bem-estar e das suas identidades, como sujeitos construídos e objetos geridos de *poder* e *conhecimento*. É possível alegar-se que é através da *investigação histórica* que se pode compreender o presente, o que justifica o uso do método de Foucault para compreender as formações sociais relevantes para o envelhecimento.

Se usarmos a “investigação histórica” devemos utilizá-la para (des)construir pressupostos adotados em torno do envelhecimento. O objetivo do uso da *investigação histórica* de Foucault no envelhecimento é usar a história como uma forma de diagnosticar as ordens sociais presentes e atuais. Para esta investigação foucaultiana, inserem-se e analisam-se duas conceções: *arqueologia* e *genealogia*. Foucault usa estes instrumentos metodológicos de investigação para quebrar a história, ao mesmo tempo dá à história uma reconfiguração de *poder* e *conhecimento*, que torna a sua abordagem diferenciada e relevante para a gerontologia e a para a metodologia (Powell & Biggs, 2003).

Sinteizando, podemos dizer que a *genealogia* é a forma de colocar a *arqueologia* em prática. Esta é a forma de a unir às questões gerontológicas atuais. Powell & Biggs (2003, p. 2) dão uso a uma metáfora que explica na perfeição este sentido metodológico “*várias fotografias da história podem ser traçadas pela arqueologia, mas, então, o elo e as discontinuidades entre essas fotografias e o presente é o trabalho do genealogista*”.

## 2.1 Notas para uma arqueologia do envelhecimento

Foucault arroga a *arqueologia* como a análise de uma afirmação, como ocorre no *arquivo histórico*. O uso de um método *arqueológico* explora as redes do que é dito e o que pode ser visto num conjunto de arranjos sociais. Nesta orientação da *arqueologia* há uma evidência de um começo nos discursos. Os discursos e as visibilidades condicionam-se mutuamente e são interdependentes entre si.

Os autores Powell & Biggs (2003) afirmam que percebem a gestão do cuidado como uma prática social visível que produz afirmações sobre o envelhecimento, enquanto afirmações sobre avaliação na política de cuidar que reforçam o *poder* do profissional e diminuem o *poder* da pessoa idosa.

Na pesquisa gerontológica, a *arqueologia* pode ser usada para tentar mapear a relação entre os discursos e o visível, descrevendo instituições que adquirem autoridade e fornecendo limites dentro dos quais, os objetos discursivos podem existir. Através destes, podemos focalizar o seu uso na gerontologia. Powell & Biggs (2003) explicam em dois pontos a defesa desta ideia:

1. Na tentativa de compreender a relação entre o enunciado e a visibilidade centra-se um conjunto de enunciados. Os enunciados que compõem as instituições através de instruções para cuidar dos trabalhadores, sobre o cronograma de atividades para as pessoas idosas, a estrutura e o espaço da instituição. Este conhecimento é composto por declarações e visibilidades. Com o exemplo da inves-

tigação em “cuidar” institucionais, precisamos de compreender o que é dito nas teorias de educação e do cuidar do trabalho social, e ainda ao que é visível, concretamente à estrutura. Uma abordagem foucaultiana pode atrair a nossa atenção para a inter-relação e a dinâmica entre declarações e instituições.

2. Na tentativa de descrever instituições que obtêm autoridade e fornecem limites dentro dos quais os objetos discursivos podem atuar. Focaliza-se novamente a instituição assistencialista que delimita as atividades dos objetos discursivos numa análise das características arquitetônicas da instituição, como se fosse a única forma que seria ou poderia ser usada para entender os arranjos espaciais.

## 2.2 As linhas numa genealogia do envelhecimento

Na linha do que temos vindo a apresentar, Foucault na *genealogia* mantém os elementos de *arqueologia*, abrangendo a análise dos discursos do *arquivo*. Foucault acrescentou a preocupação com a análise do *poder* e *conhecimento* que se exprimem na *história do presente*.

Powell & Biggs (2003) sugerem como exemplo o seguinte. Com o trabalho efetuado sobre a *genealogia*, subjacente à psicopatologia e à gestão do cuidar que apontam as origens, as funções, e as práticas do trabalho social como uma profissão científica e da gestão, é possível revelar que elas são mais benevolentes do que as histórias oficiais da prática profissional possam fazer crer. Mais uma vez, os autores subscrevem o sentido de Foucault, sobretudo aquilo que encontrou na sua investigação sobre o *poder* psiquiátrico.

A *genealogia* funda-se a partir da *arqueologia* na abordagem do discurso. A *arqueologia* provê à gerontologia um inesperado pedaço da ligação discursiva, enquanto, a *genealogia* concentra-se nos aspetos processuais da teia do discurso, ou seja, no seu carácter contínuo (Powell & Biggs, 2003).

Na distinção entre os dois conceitos metodológicos feita por Foucault, salienta-se o seguinte:

- A *arqueologia* seria a metodologia apropriada para a análise discursiva do local. O método sistemático de investigar as declarações oficiais como documentos sobre as políticas.
- A *genealogia* seria a técnica pela qual, com base nas descrições dos discursos locais, a subjetividade dos conhecimentos libertados seriam postos em ação. É uma forma de colocar a *arqueologia* em prática; uma forma de vinculá-la a preocupações gerontológicas atuais (Powell & Biggs, 2003).

Para os autores que seguimos, um gerontologista *genealógico* pode esclarecer, à luz do olhar sociológico e foucaultiano, que tais discursos têm uma origem hesitante, ao revelar práticas profissionais que são prejudiciais para os discursos da política.

É caso para afirmar que ao mesmo tempo que as vozes dos profissionais tornam-se mais altas, as vozes das pessoas idosas tornam-se mais baixas, no campo do *poder* e do *conhecimento*, e na política das relações sociais (Powell & Biggs, 2003). Para exemplificar isso, Clough (1988) citado em Powell & Biggs, 2003 realizou uma investigação sobre abusos numa instituição para pessoas idosas na Inglaterra, onde concluiu que muitos trabalhadores negligenciaram as pessoas idosas inclusive, por exemplo, deixando a água quente a correr nas casas de banho, abrindo as janelas, removendo os cobertores, levando a pneumonias e subseqüentemente a muitas mortes.

A transformação do *poder* e *conhecimento* dos profissionais foi adverso aos discursos das políticas sobre a qualidade de vida nos cuidados institucionais. Esta ação de cuidar foi um instrumento poderoso, usado para identificar e remover as identidades das pessoas idosas. Powell & Biggs (2003) afirmam que a abordagem foucaultiana destaca que as profissões relacionadas com o cuidar de pessoas idosas mantêm uma posição poderosa na política da assistência e não apenas em termos do que fazem, mas do que dizem. Com

Foucault reconheceu os discursos como modos historicamente inconstantes ao especificar o *conhecimento* e a *verdade*.

*Eles funcionam como conjuntos de regras e o exercício dessas regras e discursos em programas que especificam o que é ou não é o caso - o que constitui a "velhice", por exemplo. Aqueles que são rotulados como "velhos" estão nas garras do poder. Esse poder incluiria o que é operado por profissionais através de instituições e face a face interações com seus pacientes e clientes. O poder é constituído em discursos e é em discursos como os de "trabalho social", que o poder reside" (Biggs e Powell, 2001, 97 citado em Powell & Biggs, 2003, p. 5).*

Em síntese, a relação entre o discurso e a subjetividade destacam uma problemática para as pessoas idosas, em termos do seu entendimento de identidade, aspectos que interessam naturalmente aprofundar em termos de investigação sociológica.

### 2.3 A vigilância e o processo de envelhecimento

De salientar que Foucault (1987) vê o *panóptico* de Jeremy Bentham como o exemplo principal da terminologia *disciplinar*. Na perspectiva de Foucault, o *panóptico* integra *poder* e *conhecimento*, o *controle* do corpo e o *controle* do espaço de *disciplina*. Os corpos das pessoas podem se tornar produtivos e *observáveis*. Foucault analisa o quanto inesperadas são as semelhanças que encontrou entre as prisões, fábricas, escolas, quartéis, hospitais.

Powell (2004) de acordo com a exposição de Foucault afirma que também as instituições para idosos se identificam com as restantes. Se não repare-se na descrição narrativa cronológica e desvitalizada das rotinas das pessoas idosas quando estão institucionalizadas. Estas sabem a rotina de acordar, higiene, pequeno-almoço, atividades, almoço, atividades, lanche, atividades, jantar e dormir. Este espaço institucional coopera no *controle* e operacionalização do *poder disciplinar* sobre as pessoas idosas.

O aparelho *disciplinar* perfeito, de acordo com Foucault, iria proporcionar que com um único olhar fosse possível ver tudo perfeitamente. A visão deste instrumento é a eficiência, já que a *vigilância* está em toda parte, constante e eficaz, porque é discreta, funciona continuamente e em silêncio. Nas palavras exatas de Foucault (1987, p.156) “*um aparelho disciplinar perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente*”.

A técnica do *panopticismo* foi incluída nas relações de trabalho social no século XX, de modo que os idosos pudessem ser olhados pelo *poder* profissional (Powell, 2004).

Foucault ainda provê um desígnio para a supervisão daqueles que foram responsabilizados pela vigilância dos outros. Admite-se que a prestação de cuidados a pessoas idosas tem constituintes relacionados com a *vigilância*. Neste caso, falamos da supervisão que é hierárquica, no sentido de que muitos trabalhadores são acompanhados por um *poder* discricionário de gestão que abrange a monitorização, a avaliação e o cálculo de pessoas idosas. As seções dos serviços sociais carecem de informações sobre os progressos das pessoas idosas, com o intuito de transmitir essas informações em reuniões para instituir a disponibilização de recursos para o planeamento dos custos com serviços. Mas a *vigilância* não termina aqui, uma vez que seja criada uma rede de relações de *poder* recíprocas. Esta rede funciona através dos idosos. Os idosos são descritos por Powell (2004) como:

- As pessoas idosas que carecem dos serviços;
- O objeto de *vigilância*, dentro da sociedade;
- Os que necessitam de serviços financeiros.

Já a *vigilância* do olhar vai mais além, sendo os idosos observados:

- Durante a avaliação da gestão dos serviços;
- Na pós-avaliação;
- E ainda durante a prestação do serviço que na "economia mista de bem-estar", como pessoas idosas a serem cuidadas institucionalmente.

É claro que a forma como as pessoas interagem umas com as outras e as relações interpessoais podem ser colocadas sob a *vigilância* das equipas institucionais (BrookeRoss, 1986 citado em Powell, 2004). O bem-estar emocional de muitas pessoas idosas no ambiente institucional é um aspeto subtil, que necessita de *controle* e *normalização*, pois exige certas formas intensas de *vigilância*. Isto porque em última instância, esta *vigilância* poderá detetar até a necessidade de processos de medicalização dos quais dependem a intervenção que poderá decidir a vida do idoso. Estas práticas são adequadas devido às patologias que estão relacionadas com a idade. Neste caso, a busca (*vigilância*) dos trabalhadores por sinais nas pessoas idosas é legitimada.

Face ao exposto, o surgimento dos cuidados institucionais públicos e privados e dos grupos de trabalhadores de assistência a pessoas idosas são construídos em torno da *disciplina* e da *vigilância*, onde os *corpos* das pessoas idosas são divididos e fragmentados em espaços, para permitirem o seu controle e ordenamento através das rotinas e dos horários. Powell (2004, 2012) afirma que a consolidação do conhecimento sobre os cuidados reforça essa fragmentação, *vigilância* e documentação individualizada, tornando-se, assim, um dos pilares da prática assistencial. O regime institucional tornou-se um laboratório no qual o aconselhamento e a especialização dos atores com responsabilidades institucionais e dos profissionais de saúde da prestação de cuidados a pessoas idosas, estão voltados para a reintegração das pessoas idosas na *normalidade*.

Parafraseando Phillipson (1988 citado em Powell, 2004)) somos a considerar que é mítico que o cuidar institucional privado possibilite que as pessoas idosas tenham mais controle e sejam mais capazes de escolher o tipo de serviço, do que em instituições públicas. Os perigos subsistem em todas as tipologias de instituições, e podem estar relacionados com a ocorrência de violência sobre idosos, a não ser que as normas sejam monitorizadas e que uma inspeção externa aconteça.

## Considerações Finais

A obra de Michel Foucault é complexa e multiforme, sendo ela atravessada por influências intelectuais múltiplas. O objetivo principal do seu pensamento é, através de um tratamento inovador do poder, fazer a história dos modos, por meio dos quais, na nossa cultura, os seres humanos são feitos sujeitos, ou seja, os sujeitos como sendo uma complexa variável em função do discurso. Esta forma de raciocínio permitiria e permite explicar como é que as novas formas de poder que encontramos nas sociedades modernas operam e produzem a monitorização do corpo (biopolítica) e a governamentalidade das práticas (Silva & Moreno, 2000).

Não há dúvidas de que o impulso da visão foucaultiana proporciona uma “nova” visão de que os idosos carregam a marca dos modos dominantes de regulação, tanto em termos da formação de discurso de especialistas, quanto da diminuição de recursos para capacitar as sociedades capitalistas avançadas. O epitáfio final da modernidade levanta questões cruciais quanto às relações sociais entre profissionais e consumidores de serviços (pessoas idosas). Ou seja, discutir as relações sociais em termos de "contratos" disfarça as maiores relações de *poder*, muitas vezes ocultas, que sustentam e moldam a realidade observável (Powell, 2004).

A conceptualização das relações sociais nos discursos destes consumidores de serviços é problemática, na medida em que limita o *poder* da pessoa idosa, altera subtilmente os fundamentos exequíveis da reclamação das preocupações coletivas sobre as deficiências de uma transação individual, e preocupa-se mais com os diferenças e não com a qualidade do tratamento. De fato, a noção do consumidor é baseada numa visão inteiramente voluntarista da agência humana que nega totalmente a relevância das condições sociais na determinação da ação humana. À medida que transcendemos a descoberta, clarifica-se a metamorfose das identidades das pessoas idosas em consumidores. É provável que destrua ainda mais as pessoas idosas, marginalizando o contexto social e político das experiências de cuidado, transformando os discursos de empoderamento em questões politicamente neutras e

individualmente seguras de satisfação e insatisfação com o serviço oferecido pelos departamentos de serviço social e atores com responsabilidades institucionais (Powell, 2004, 2012).

O que torna fascinante o trabalho metodológico de Foucault é como ele problematiza os sistemas de conhecimento, os processos sociais como as dimensões *microfísicas* da competição mais ampla entre a modernidade, e a própria construção de sujeitos. Neste domínio, Powell & Biggs (2003) apontam duas direções em especial:

1. A gerontologia como ciência humana é um domínio *arqueológico*, em que o discurso, o conhecimento e a subjetividade se concebem reciprocamente. Os adornos usados para dispersar o conhecimento gerontológico são os discursos, as teorias e as políticas, que podem ser vistos como técnicas disciplinares que constroem o conhecimento dos sujeitos e dos objetos.
2. Ao minimizar o tema individual, as *genealogias* de Foucault mostram como os corpos, neste caso as pessoas idosas, são locais onde os seres humanos são sujeitos por práticas de *poder* e *conhecimento*. O corpo das pessoas idosas e as pessoas idosas tornaram-se um foco do *conhecimento* científico, imagens culturais, racionalidades políticas e práticas institucionais que organizaram o posicionamento da vida futura.

Em suma, estamos conscientes que este pequeno ensaio é apenas a ponta de uma mega *iceberg* e certamente que há muito ainda para descortinar sobre a obra de Foucault e a sua aplicação no estudo dos idosos institucionalizados. Porém, procurámos ao longo da reflexão, fazer relevar a importância da utilização de tais metodologias analíticas distintas, tais como a *arqueologia* e a *genealogia*, que na nossa perspectiva revelam de forma sublime um elevado potencial para desocultar as relações de *poder*, mormente as relações de *poder* entre os profissionais, as instituições sociais e sujeitos de estudo como os idosos institucionalizados.

Finalmente, resta-nos dizer que Michel Foucault, tanto pela profundidade do pensamento como pela virtuosidade da escrita, influenciou e influencia o pensamento social da nossa época, tendo por isso um lugar evidente e privilegiado na história das matrizes sociológicas da modernidade tardia ou pós-modernidade. Por conseguinte, estamos convictos no que respeita à Sociologia, em geral, e ao envelhecimento e à crítica gerontológica, em particular, que a ênfase dada às relações de poder, contribuiu para que hoje, os estudos sobre os idosos e as instituições sociais ocupem um lugar privilegiado dentro do panorama sociológico contemporâneo.

## Referências bibliográficas

- Armstrong, D. (1987). Bodies of knowledge: Foucault and the problem of human anatomy. in G. Scambler (org.). *Sociological theory and medical sociology* (59-75). London: Tavistock
- Beart, P, & Silva, F. C. (2014). A História do Presente – A Arqueologia e Genealogia de Foucault. In Teoria Social Contemporânea, Capítulo 6 (169-195). Lisboa: Editora Mundos Sociais
- De Bellis, A. (2006). *Behind open doors. A Construct of Nursing Practice in an Australian Residential Aged Care Facility*. PhD thesis. School of Nursing and Midwifery. Faculty of Health Sciences. Flinders University, Adelaide - Australia
- Eizirik, M. F. (2006). Poder, saber e práticas sociais. *Psico*, 37(1), 23-29. Acedido em 10 de Setembro de 2017. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161469>
- Foucault, M. (1972). *Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Editora Vozes LTDA
- Foucault, M. (1997). *Historia de la locura en la epoca clasica*. Madrid: Fondo de Cultura Económica
- Foucault, M. (1976). *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes
- Foucault, M. (1991). *Enfermedad mental y personalidad*. Barcelona: Ediciones Paidós
- Foucault, M. (1992). *Microfísica del poder*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta
- Foucault, M. (1994). *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- Henderson, A. (1994). Power and knowledge in nursing practice: The contribution of Foucault. *Journal of Advanced Nursing*, 20(5), 935-939
- Knights, D. (2002). Writing Organizational Analysis into Foucault. *Organization*. 9, (4), 575-593

- McKinlay, A. & Starkey, K. (Eds.). (1998). *Foucault, Management and Organization Theory: From Panopticon to technologies of the self*. London: Sage
- Ortega, F. (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal
- Petersen, A. & Bunton, R. (1997). *Foucault, Health and Medicine*. London: Routledge
- Powell, J. L. (2004). Rethinking gerontology: Foucault, surveillance and the positioning of old age. *Sincronía*, 2, (4). Acedido em 20 de Agosto de 2017. Disponível em <http://sincronia.cucsh.udg.mx/powell04.htm>
- Powell, J. L. (2012). Social Work and Elder Abuse: A Foucauldian Analysis. *Social Work & Society*, 10, 1, Acedido em 10 de Julho de 2017. Disponível em <https://www.socwork.net/sws/article/view/311/654>
- Powell, J. L., & Biggs, S. (2003). Foucauldian gerontology: A methodology for understanding aging. *Electronic Journal of Sociology*, 7(2), 1-14. Acedido em 15 de Junho de 2017. Disponível em [https://www.sociology.org/ejs-archives/vol7.2/03\\_powell\\_biggs.html](https://www.sociology.org/ejs-archives/vol7.2/03_powell_biggs.html)
- Silva, C.A. & Moreno, A. (2000). O contributo de Michel Foucault para a Sociologia da Saúde e da Doença. Texto de apoio da unidade de Sociologia da Saúde, Universidade de Évora (policopiado)
- Souza, E., Machado, L. D., & Bianco, M. D. F. (2004). Poder Disciplinar: a analítica foucaultiana como uma alternativa as pesquisas organizacionais sobre poder. *Encontro Nacional dos Programas de Pós-graduação e Administração*, 28, 1-16

## Notas:

- [1] Doutoranda em Sociologia, Universidade de Évora | desenvolvimento da tese integrado no CICS.NOVA.UÉvora

